Diretor — Américo de Campos, 1875-1884; Francisco Rangel Pestana, 1875-1890; Julio Mesquita, 1891-1927; Nestor Rangel Pestana, 1927-1933; Plinio Barreto, 1927-1958

O ESTADO DE S. PAULO

JULIO MESQUITA (1891 - 1927)

Cap. e Int. de São Paulo: d. ú. NCr$ 0,25, dom. NCr$ 0,40. Assin. NCr$ 60. End. Rua Major Quedinho, 28. Tel.: 239-3133. End. Telegráfico ESTADO. Telex: 021-601 e 021-602.

DIRETOR: JULIO DE MESQUITA FILHO — ANO 89 — SABADO, 25 DE MAIO DE 1968 — N.º 28.564 — DIRETOR REDATOR-CHEFE: MARCELINO RITTER

De Gaulle ameaça renunciar

Da AFP, ANSA, AP, DPA, Reuters e UPI

PARIS, 24 — "Franceses, francesas, no mês de junho devereis pronunciar-vos através do voto. Caso vossa resposta seja negativa, não é preciso dizer que não assumirei mais minhas funções".

Foi assim que o presidente de Gaulle se dirigiu ontem à noite à nação, anunciando pela cadeia nacional de radiotelevisão que convocará um plebiscito em junho e que renunciará se a resposta fôr negativa. O general solicitou ao povo francês uma carta branca para a obra de renovação que considera necessária, reconheceu que a França está a ponto de sofrer uma paralisia total e acenou com o espectro da guerra civil antes de anunciar sua decisão de recorrer a uma consulta geral e direta ao povo.

De Gaulle indicou como causa principal da crise da França a falta de adequação da estrutura universitária às necessidades modernas.

Noite de violência

Da AFP

PARIS, 24 — Paris voltou a viver ontem uma nova "Noite das Barricadas". Cenas de violencia incomum foram registradas até quase o final da madrugada de hoje, quando milhares de estudantes entraram em choque com as forças policiais, em sinal de protesto contra a decisão governamental de impedir o retorno a Paris do líder estudantil Daniel Cohn-Bendit. Cento e dez pessoas ficaram feridas, inclusive 78 policiais, 6 dos quais se encontram internados em estado grave.

Os incidentes começaram ás 19 horas, na praça Saint Michel, que limita o Quartier Latin. A policia formou um cordão de isolamento para impedir que os manifestantes pudessem transpor a ponte Saint Michel, sobre o Sena. Em resposta, os estudantes começaram a atirar toda sorte de projeteis sobre a policia. Esta respondeu com bombas de gás lacrimogeneo. A partir desse momento, os choques entre manifestantes e policiais se repetiram quase incessantemente.

Voltaram a ser vistas as imagens já comuns para os habitantes do Quartier Latin: paralelepipedos arrancados, automoveis incendiados, gradis utilizados á maneira de barricadas e vitrinas quebradas. Os choques aumentaram de intensidade e numerosos reforços policiais chegaram ao local. Os bombeiros tiveram que entrar em ação para apagar inumeros incendios. Nesse momento, o numero de manifestantes se elevava a mais de 6 mil. Temendo que se desencadeasse uma violencia incontrolavel, os dirigentes das organizações estudantis ordenaram que os manifestantes se dispersassem. O serviço de segurança dos estudantes formou, então, uma verdadeira barreira humana para conter seus companheiros mais exaltados.

Por volta das 10 horas da noite, entre ruido de sirenas, explosões de granadas e chamas dos incendios, a policia prosseguia o seu dificil avanço pela principal avenida do bairro latino. Fazendo-lhe frente, embora retrocedendo pouco a pouco, os manifestantes dificultavam a marcha dos policiais, atirando-lhes bancos dos jardins, postes de sinalização, paralelepipedos e pedaços de madeira incendiada.

Primeira barricada

Pouco depois das 10 horas da noite, foi erguida a primeira barricada. Era constituida, em sua base, por arvores arrancadas do calçamento. Enquanto isso, em diversos pontos do bairro, registravam-se numerosos e violentos choques. A policia carregava, espancando implacavelmente os estudantes, que respondiam com pedradas. Varios automoveis foram tombados e incendiados mediante o uso de "coqueteis Molotov".

A 1 hora da manhã, os manifestantes que se haviam congregado junto á Sorbonne, foram obrigados a recuar, envolvidos por uma densa nuvem de gás lacrimogeneo. A cupula do edificio da Sorbonne mal era vista entre a espessa camada de fumaça amarelada de gás. A policia continuava avançando, protegida por motobombas. Sob o efeito de fortissimos jatos de agua e granadas lacrimogeneas, os curiosos que assistiam ás manifestações se afastaram do local. Pouco depois, uma motoniveladora foi utilizada para destruir uma barreira que os estudantes haviam erguido em uma das principais ruas do bairro. A calma só foi restabelecida na cidade depois das 3 horas da manhã.

Pompidou abre o diálogo

O primeiro-ministro Georges Pompidou convocou hoje os representantes das centrais sindicais e do empresariado francês para uma reunião amanhã, ás 15 horas, para a discussão dos termos de um acôrdo que ponha fim á greve que mantem a França paralisada há uma semana.

A convocação — prontamente atendida pelos lideres sindicais — revela, segundo os observadores, a preocupação do governo de dar inicio imediato ás negociações para acabar com a greve, uma vez que há o risco de que daqui para a frente as lideranças percam o controle do movimento, cuja radicalização poderá chegar ao ponto da exigencia, pura e simples, da queda do governo.

Essa é a impressão que se tem, depois que ficou comprovado que as violentas manifestações de ontem á noite, no Quartier Latin e outros pontos da cidade, não tinham o beneplacito das lideranças — a estudantil, no caso. Os choques com a policia durante toda a noite de ontem, como ficou provado, foram insuflados por elementos estranhos aos estudantes, definidos pelo chefe de Policia de Paris como "elementos incontrolaveis, mas que sabem muito bem o que querem".

A reunião

A reunião de amanhã, segundo se apurou, terá também a presença do ministro de Questões Sociais e do secretario de Estado para assuntos trabalhistas.

O fato de o nome do ministro das Questões Sociais não ter sido mencionado na nota oficial a respeito da reunião, dada á divulgação por Pompidou, fez com que surgissem especulações a respeito de sua queda, na reformulação ministerial que se tem como certa para os proximos dias.

O documento distribuido pelo primeiro-ministro explica que durante a reunião "cada organização será convidada a expor seu ponto de vista sobre a situação economica e social e a apresentar propostas de soluções".

E conclui: "O governo deseja que, ao final dessa reunião, se chegue a um acôrdo sobre as condições pelas quais poderão continuar as negociações relativas aos diversos setores interessados".

Quanto aos estudantes, em entrevista concedida hoje á imprensa o primeiro-ministro esclareceu "nada ter contra uma reunião com a UNEF". Acrescentou que sabe muito bem que as lideranças estudantis não podem ser responsabilizadas pelos ultimos conflitos, que devem ser atribuidos a agitadores desejosos de promover o caos no país.

Radiofoto UPI

A Place de la Mutualité, no centro de Paris, desfigurada por barricadas e destroços

Extremistas conduzem os jovens a novas violências

Os extremistas voltaram hoje a dominar as manifestações estudantis em Paris e, pelo terceiro dia consecutivo, a cidade viveu horas de violência e destruição, com o saldo da morte de um inspetor de policia e a depredação do predio em que funciona a Bolsa de Valores, cujo pavimento terreo foi incendiado. As manifestações de hoje foram promovidas pelas centrais sindicais e pela União Nacional dos Estudantes Franceses, apesar do apelo do chefe de Policia para que fôssem adiadas por 24 horas.

No que diz respeito aos trabalhadores, os comicios e passeatas tiveram o objetivo de protestar contra a demora, por parte do governo, no atendimento de suas reivindicações, embora pela manhã o primeiro-ministro Georges Pompidou tenha convocado para amanhã uma primeira reunião entre os sindicatos e os representantes dos empresarios.

Os estudantes pretendiam protestar contra a proibição do retorno á França de seu lider Daniel Cohn-Bendit e "roubar a cena" do general de Gaulle, que naquele instante se dirigia á nação pela televisão.

Os conflitos

De acordo com o plano estabelecido pela UNEF, os estudantes — cerca de 20 mil — começaram a se concentrar no fim da tarde em varios pontos da cidade, principalmente diante da estação de Lyon e da Assembléia Nacional.

Nesses locais houve os primeiros choques, da mesma forma que iriam se repetir até o fim da noite: os estudantes levantando barricadas com paralelepipedos arrancados do chão, grades de proteção das arvores, automoveis tombados e tudo o mais que pudessem encontrar, e os policiais tentando dispersá-los com bombas de gás lacrimogêneo e cassetetes. Em Lyon, um caminhão lançado contra os policiais matou um deles.

Por volta das 20 horas, os manifestantes começaram a se dirigir á Bastilha, despistando a policia pelas ruas transversais. Em torno da praça da Bastilha, uma forte barreira policial com viaturas na retaguarda estava preparada para repeli-los. Quando as primeiras fileiras começaram a entrar decididamente na praça, foram recebidas com potentes jatos d'agua e mais gás lacrimogêneo. Durante quase uma hora os estudantes tentaram romper a barreira sem exito. Para dispersar a atenção policial, ateavam fogo em montes de lixo nas ruas proximas e investiam em grupos contra predios escolhidos a esmo.

Quando perceberam que o esforço para penetrar na praça era inutil, os estudantes levantaram novas barricadas e passaram a atirar pedras sobre os policiais.

Enquanto a luta prosseguia na praça da Bastilha, operários promoviam uma passeata pela cidade, empunhando faixas e cartazes com dizeres alusivos a suas reivindicações, mas sem entrar em choque com a Policia, que se limitou a segui-los á distancia.

Na Bôlsa

Quando a refrega diante da Bastilha já começava a arrefecer em consequência da dispersão dos estudantes, os mais exaltados decidiram marchar sôbre a Bolsa de Valores, nas proximidades.

O ataque á Bolsa não estava no programa da liderança oficial do movimento, que em vão tentou dissuadir os mais exaltados. A policia também foi surpreendida e o predio não tinha nenhuma proteção, o que permitiu que o primeiro grupo que lá chegou não encontrasse dificuldades para arrombar a porta principal, usando bancos como ariete e apedrejando a fachada.

Enquanto os policiais que chegavam pela retaguarda tentavam dispersar os jovens usando granadas de gás e cassetetes de sempre, os líderes mais moderados, entre êles o presidente do Sindicato do Ensino Superior, procuravam em vão conter os mais exaltados.

Em poucos minutos a porta foi arrombada e os manifestantes penetraram no saguão, onde depredaram tudo o que encontravam pela frente. Com pedaços de madeira arrancados das cabinas telefônicas, mesas e outros móveis, fizeram várias fogueiras no centro da sala de pregões.

Ao mesmo tempo, outro grupo escalava o teto do predio, de onde arrancaram uma bandeira francesa que foi jogada numa das fogueiras e a substituiram por duas outras: uma vermelha e outra preta, símbolo do anarquismo.

Por volta das 21 e 30 a policia já havia conseguido dispersar os manifestantes. A maioria retornou ao Quartier Latin, onde fica a Sorbonne, e se protegeram atrás de barricadas, lançando pedras contra os policiais que os perseguiam. Até o fim da noite ainda se ouvia ali o espocar de granadas de gás.

A intervenção dos bombeiros, que logo dominaram o fogo, impediu a destruição do predio da Bolsa.

Em Lyon

Na cidade de Lyon também houve conflitos hoje entre estudantes e a polícia. Os choques de maiores proporções ocorreram em dois pontos da cidade, um dêles nas proximidades da sede da polícia.

Ao todo, envolveram-se no conflito cêrca de cinco mil estudantes e dois mil e 500 policiais. Os incidentes mais graves foram provocados pela polícia municipal que, ao contrário da estadual, recebeu ordens para investir contra os manifestantes. Nas proximidades da praça principal, já no fim das manifestações, um grupo de 15 agentes municipais tentou dispersar cêrca de 50 jovens investindo contra êles de bicicleta. Não se deram muito bem.

Despêjo

Oito funcionários do Museu do Homem, em Paris — que também está fechado pela greve — invadiram hoje o apartamento que foi cedido para residência do ministro do Interior, anexo ao museu, e tentaram tirar de lá a esposa e a filha de Christian Fouchet, para "devolver os aposentos a seus legitimos donos". Mas a polícia chegou logo em seguida e o despejo não vingou.

Radiofoto UPI

Estudantes feridos são socorridos após os choques com os policiais

O discurso do general

E' o seguinte o texto integral do discurso do general de Gaulle:

"Todo mundo compreende, evidentemente, o alcance dos atuais acontecimentos universitarios e sociais. Neles se divisam os sinais que indicam a necessidade de uma transformação em nossa sociedade, uma mutação que deve incluir a participação mais efetiva de todos no progresso e nos resultados da atividade em que estão diretamente interessados.

Naturalmente, na conturbada situação de hoje, o primeiro dever do Estado deve ser assegurar, a despeito de tudo, a vida elementar do país, bem como a ordem publica. Isto está sendo feito.

Seu dever é também contribuir para o retorno á ordem, fazendo os contactos que possam facilitar o alcance desse objetivo. Eu estou preparado. E' o que tenho a dizer quanto ao presente.

Reformas

Mas, depois, há sem duvida alguma estruturas a serem modificadas; em outras palavras, há reformas a serem executadas. Pois na imensa transformação politica, economica e social por que a França está passando em nosso tempo, ainda que muitos obstaculos internos e externos tenham sido superados, existem ainda outros que dificultam a marcha para o progresso.

Disso decorrem profundas perturbações, particularmente entre os jovens, que estão interessados em seu proprio papel e aos quais muito frequentemente o futuro preocupa".

A crise

"Foi por isso que a crise na Universidade — provocada pela incapacidade desse grande organismo de se adaptar ás modernas netcessidades da nação e, ao mesmo tempo, á função e emprego dos jovens — desencadeou, por contagio, em muitas outras areas, uma onda de desordens, abandono ou paralisação do trabalho.

O resultado é que nossa patria se encontra á beira da paralisia. Perante nós proprios e perante o mundo, cabe a nós solucionar um problema essencial que nossa era apresenta, para que não venhamos a despencar, por meio da guerra civil, nas mais odiosas e ruinosas aventuras e usurpações.

Plebiscito

Há quase trinta anos os acontecimentos me têm imposto, em varias oportunidades, o dever de fazer nossa patria assumir a direção de seus proprios destinos, a fim de evitar que certas pessoas o controlassem, contra a sua vontade.

Estou novamente disposto desta vez, e desta vez novamente, mais do que nunca, preciso — sim, realmente, preciso — que o povo francês diga o que deseja.

Levando em conta a situação excepcional em que nos encontramos, decidi, portanto, por proposta do governo, submeter ao sufragio nacional um projeto de lei no qual peço ao povo que dê ao Estado, e em primeiro lugar ao seu chefe, um mandato para a renovação".

As reformas preconizadas

"A reconstrução da Universidade, não segundo suas tradições seculares, mas de acordo com as reais necessidades da evolução do país e de escoadouros eficazes numa sociedade moderna para os jovens estudantes.

Adaptar a economia, não a esta ou aquela categoria de interesses particulares, mas ás necessidades nacionais e internacionais de nossos tempos, de melhorar as condições de vida e de trabalho do pessoal dos serviços publicos e das empresas particulares, na organização de sua participação e nas responsabilidades profissionais, no aperfeiçoamento do treinamento da juventude, assegurando-lhe empregos, colocando em ação atividades industriais e agricolas no quadro geral de nossas regiões.

Tal é o objetivo que a nação inteira deve fixar para si mesma".

Confiança

"Franceses, francesas, no mês de junho devereis pronunciar-vos através do voto. Caso vossa resposta seja negativa, não é preciso dizer que não assumirei mais minhas funções.

Se, por meio de um "sim" maciço me expressardes inteira confiança, empreenderei, com os poderes publicos e — assim o espero — com o concurso de todos aqueles que desejam servir aos interesses comuns, a transformação, em todos os locais em que seja necessaria, das estruturas estreitas e antiquadas, para abrir mais amplamente o caminho para o novo sangue da França.

Viva a Republica.

Viva a França".

Moscou dobra os checos

Tudo indica que Moscou conseguiu dobrar a resistencia do novo governo liberal da Checoslovaquia, que não aceitava a presença de forças sovieticas em seu territorio. Ontem, de fato, a agencia oficial checoslovaca anunciou que "manobras conjuntas do Pacto de Varsovia serão realizadas em territorio da Checoslovaquia". Como é evidente que forças sovieticas participarão das manobras, que serão realizadas sob o comando de um marechal da URSS, a conclusão é a de que Praga cedeu a Moscou, concordando com essa forma de intervenção militar disfarçada em exercicios conjuntos. A noticia coincide com o regresso do primeiro-ministro sovietico, Alexei Kossigin, a Praga, depois de fazer um "tratamento hepatico" num balneario do interior da Checoslovaquia. Noticiario na pagina 7.

Lavradores aderem à rebelião

PARIS, 24 — Os lavradores franceses promoveram manifestações hoje por todo o país, aliando-se, pela primeira vez na historia da Republica, ao movimento operario-estudantil. De maneira geral, os membros da Federação Nacional dos Sindicatos Agricolas manifestaram-se de forma pacifica, embora em algumas cidades, como em Nantes, a infiltração de estudantes e operarios no movimento tenha provocado ligeiros choques com a policia.

Em algumas regiões já haviam sido promovidas, nos dias anteriores, manifestações esporadicas de lavradores. Mas as que ocorreram hoje tiveram carater oficial. Limitaram-se, em sua grande maioria, a comicios nos quais os oradores expunham ao povo suas reivindicações e proferiam ataques ao governo.

Alguns grupos interromperam estradas oficiais, colocando tratores e outros obstaculos sobre o leito, para impedir o trafego e chamar a atenção para os comicios.

Em Nantes

Os conflitos mais graves ocorreram em Nantes quando, após um comicio realizado numa praça da cidade, os lavradores promoveram uma passeata com destino á Prefeitura local, engrossada por grupos de estudantes exaltados que abusaram de provocações aos policiais. Chegou a haver um ligeiro choque diante da Prefeitura, mas a intervenção dos manifestantes mais moderados fez com que a maioria se dispersasse.

A oposição

Enquanto operarios, estudantes e lavradores promoviam manifestações por todo o país e o presidente de Gaulle se dirigia á Nação propondo uma solução para a crise, os lideres politicos da oposição ao governo voltavam á carga, com novos pronunciamentos contra o general e seu gabinete.

O deputado François Miterrand — candidato derrotado á presidencia e lider da Federação Socialista — declarou, pela televisão, que, "num momento em que tudo deve ser feito para buscar a paz, o primeiro-ministro deve dar o exemplo, renunciando ao cargo".

"Já que o general de Gaulle, responsavel por tudo, está falando esta noite — prosseguiu — dirijo-lhe um apelo para que entenda que tudo o que houve já é bastante e que a paz civil tem prioridade sobre a ultima manobra politica que está preparando".

"Todo o país sabe que o atual governo já não tem autoridade nem credito — afirmou — e o general de Gaulle deve-se convencer de que já chegou sua hora".

Comunistas

O Partido Comunista, por intermedio de seu lider Waldeck Rochet, manifestou-se nos mesmos termos que Miterrand, logo após o pronunciamento de de Gaulle á nação.

"O regime gaullista teve a sua época — declarou Rochet — e agora deve terminar".

E prosseguiu: "Milhões de trabalhadores intelectuais e braçais estão em greve. As aspirações de todo o povo por uma mudança de regime estão crescendo incessantemente. As negociações que se vão realizar entre as organizações sindicais e os empresarios terão por objetivo atender ás necessidades essenciais dos trabalhadores. Não obstante, a questão politica, mais do que nunca, não poderá ser resolvida desta forma. E ela é mais importante do que qualquer regime".

Concluiu afirmando, dentro dessa linha de raciocinio, que o plebiscito proposto por de Gaulle não servirá para salvar o regime, que "está condenado". (Outras noticias sobre a França na página 2.)

38 páginas

e mais o Suplemento Literário